

Referências teóricas da Sociomuseologia¹

Mário Moutinho² & Judite Primo³

O presente texto tem por objectivo chamar a tenção, ainda que sumariamente para um conjunto de documentos que se podem constituir como referencial teórico da Sociomuseologia. Como todo o processo de síntese, este texto é redutor pois haverá sempre a possibilidade de chamar outros documentos outros autores, outras leituras.

Este texto passa em revista alguns dos momentos e perspectivas que podem caracterizar a Museologia nos pós II Guerra Mundial e que de alguma forma podem ajudar a esclarecer as bases da Sociomuseologia tendo, no entanto, consciência que como em todas as sínteses, corre-se sempre o perigo da exclusão ou do exagero.

As citações não são mais que simples indicações de leitura cobrindo apenas alguns aspectos das questões em apreço. Mais ainda importa reconhecer que este texto é fruto do sentido que damos ao trabalho que desenvolvemos no nosso Departamento de Museologia, da nossa longínqua articulação com o MINOM-ICOM e da profunda interacção com universidades e museólogos (as) do Brasil.

Durante muito tempo o conceito de museologia e a natureza material dos Museus era relativamente consensual. A Museologia era uma técnica aplicada ao trabalho desenvolvido nos Museus englobando várias competências aplicadas à recolha, conservação e restauro dos objectos museológicos que compunham os seus acervos. O Museu era no essencial um edifício mais ou menos sumptuoso onde se guardavam as

¹ Comunicação apresentada na Conferência Internacional “The subjective Museum? The impact of participative strategies on the museum International” 26, - 28.6.2017, Org. Museu Histórico de Frankfurt & Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Lisboa.

² Doutor em Antropologia Cultural pela Universidade de Paris VII-Jussieu/Universidade Nova, Professor no Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Lisboa, Professor no Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Lisboa, fundador e Vice-Presidente do MINOM-ICOM.

³ Doutora em Educação pela Universidade Portucalense. Titular da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” Investigadora Principal da FCT.

colecções de objectos, cujo destino era a sua apresentação nas diferentes salas, corredores, escadarias, jardins. Objetos marcados por alguma forma de valor simbólico ou real, significando na maioria das vezes raridade, beleza, autenticidade.

Estes Museus e esta Museologia estão suficientemente descritos, e não podemos excluir naturalmente a sua relevância como elemento essencial na construção da(s) memória(s), na preservação de recortes materiais de diferentes realidades sociais, na construção de identidades locais, nacionais e transnacionais. Todos os Louvres e British Museums, Hermitages, pequenos e grandes de todas as cidades e países estão aí para demonstrar sem dúvida o seu lugar no quotidiano e no imaginário de gerações.

Sobre estes Museus e esta Museologia se debruçaram filósofos, historiadores, antropólogos, sociólogos, sendo certo que a visão sobre os museus de Paul Valéry, tanto quanto a de Proust, relida no incontornável texto de Theodor Adorno, nos reenviam sempre para uma dimensão de um mundo exterior ao mundo real, onde cada objecto perde a vida em favor de um novo estatuto, o de objecto de museu.

A palavra alemã, 'museal', tem conotações desagradáveis. Ele descreve objetos para os quais o observador não tem mais um relacionamento vital e que estão em processo de morte. Devem sua preservação mais ao respeito histórico do que às necessidades do presente. Museu e mausoléu são conectados por mais que uma associação fonética. Os museus são como os sepulcros da família de obras de arte. Eles testemunham a neutralização da cultura.⁴

De certa forma uma categoria de instituição, que por um lado se sustentaria a si própria, alheia aos contextos sociais e históricos em que estariam inseridas, mas que por outro lado reconfortaria ou mesmo serviria a ideologia dominante de cada tempo.

⁴ Theodor W Adorno, Prisms, Valéry Proust Museum, Series: Studies in Contemporary German Social Thought, The MIT Press; Reprint edition (March 29, 1983) p. 173.

Estes Museus são uma realidade incontornável e estiveram certamente na origem da primeira definição de Museu elaborada pelo ICOM em 1946. Aí a própria tipologia dos museus reenvia para saberes isolados entre si: Museus de ciência e planetários, Museus de arte e artes aplicadas, Museus de história natural, Museus de história da ciência e tecnologia, Museus de arqueologia, Museus de etnografia (incluindo arte e cultura folclórica), Jardins zoológicos, Jardins botânicos, Parques Nacionais Reservas Naturais e outros. Mais explicitamente o documento de constituição do ICOM afirmava que:

A palavra “museus” inclui todas as coleções abertas ao público, de material artístico, técnico, científico, histórico ou arqueológico, incluindo jardins zoológicos e jardins botânicos, mas excluindo bibliotecas, exceto na medida em que mantenham salas de exibição permanentes. (Constituição do ICOM, 1946)⁵

Mas já na mesma época, a par da museologia institucional, devemos reconhecer a existência de um pensamento que buscava para os museus outro lugar e outra racionalidade mais em consonância com o meio em que estavam inseridos com por exemplo Alma Wittlin quando defendia que:

Os museus são instituições criadas pelo homem ao serviço dos homens; Eles não são fins em si mesmo. (...) O que os museus podem fazer em relação às necessidades não atendidas das pessoas?

Museus não são ilhas no espaço; eles devem ser considerados no contexto da vida fora das suas paredes. Este truísmo se torna uma realidade nas atuais condições de mudança acelerada e quando toda instituição precisa se auto avaliar como um meio de legitimar a sua sobrevivência.

Expor não é suficiente. Um dos nossos erros, em todos os assuntos dos ambientes educacionais, é a suposição de que confrontar as pessoas com experiências, resulta necessariamente em aprendizagem e estímulo. (...)

Um museu, cada sala de museu, cada exposição individual é um ambiente

⁵ http://archives.icom.museum/hist_def_eng.html

criado pelo homem; não é um fenômeno natural que resista à mudança; pode ser mudado.⁶

Na verdade, tratava-se de afirmar que os museus deviam ter em consideração o meio onde estavam inseridos, e que deviam atuar na busca de soluções para as “unmet needs of people” não devendo ser por isso, instituições debruçadas apenas sobre si próprias.

E são justamente estes simples encaminhamentos que na mesma época se encontravam na autocrítica crescente em diferentes áreas do conhecimento. Como não associar este questionamento ao trabalho e à reflexão de John Dewey (1859-1952) ou de Paulo Freire (1921-1997) quando estes procuravam dar novas formas de entender e de fazer a própria educação.

Podendo ser direta ou indiretamente relacionados com as diferentes dimensões da Museologia muitos outros autores devem ser tidos em consideração muitos dos quais estão referenciados numa obra basilar organizada pela MNES (Muséologie Nouvelle et Expérimentation sociale)⁷ Tudo se passa como se uma nova consciência dos desafios da sociedade ocidental estivesse a ser construída sobre os escombros da II Guerra Mundial. Uma consciência de uma nova responsabilidade social que iria cobrir as diferentes áreas do conhecimento. E naturalmente a Museologia não ficaria alheia a este processo.

Primeira etapa:

A ecomuseologia e a Declaração de Santiago do Chile 1972

É no seio deste processo que podemos entender o sentido da Mesa Redonda de Santiago do Chile, reunida por iniciativa da UNESCO do ICOM. Na Declaração então elaborada, a qual se tornou num

⁶ Alma Wittlin: Museums: In Search of a Usable Future, - The Museum. Its history and its tasks in education (1949) (1970) The MIT Press. pp.204 & 211.

⁷ Marie-Odile de Bary, André Desvallées, Françoise Wasserman, Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie, 2 vols Éditions W, 1994.

documento de referência para compreender os novos encaminhamentos da museologia, afirmava-se:

Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade da qual é parte inseparável e, por sua própria natureza, contém os elementos que lhe permitem ajudar a moldar a consciência das comunidades que serve, por meio das quais pode estimular essas comunidades a agir projetando suas atividades históricas para que culminem na apresentação de problemas contemporâneos; isto é, ligando passado e presente, identificando-se com mudanças estruturais indispensáveis e chamando outros para o seu contexto nacional particular.

Que essa abordagem não nega o valor dos museus existentes, nem implica abandonar os princípios dos museus especializados; é apresentado como o caminho de desenvolvimento mais racional e lógico para os museus, para que eles possam melhor atender às necessidades da sociedade; que, em alguns casos, a alteração proposta pode ser introduzida gradualmente ou em caráter experimental; em outros, pode fornecer a orientação básica. Que a transformação das atividades museológicas exige uma mudança gradual nas perspectivas dos curadores e administradores e nas estruturas institucionais pelas quais eles são responsáveis; que, além disso, o museu integrado requer a assistência permanente ou temporária de especialistas de várias disciplinas, incluindo as ciências sociais.⁸

Este entendimento correspondia ao processo iniciado no período que se seguiu ao movimento de Maio de 1968 e do qual resultou a criação de inúmeros museus locais que se reconheciam com sendo **ecomuseus**. De alguma forma estas iniciativas reconheciam-se naquilo que George Henri Rivière caracterizava na sua Definição Evolutiva de Ecomuseu.

Um ecomuseu é um instrumento concebido, formado e operado em conjunto por uma autoridade pública e uma população local. O envolvimento da autoridade pública faz-se por meio de especialistas,

⁸ Resolutions adopted by the round table of Santiago (chile) Museum Vol XXV, n° 3, 1973 The Role of museums in today's Latin America p. 193. <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001273/127362eo.pdf>

instalações e recursos que ela fornece; o envolvimento da população local depende de suas aspirações, conhecimentos e abordagem individual. É um espelho no qual a população local se vê descobrindo sua própria imagem, na qual busca uma explicação do território ao qual está ligada e das populações que a precederam, vistas como circunscritas no tempo ou em termos da continuidade de gerações. É um espelho que a população local oferece aos seus visitantes para que possa ser melhor compreendida e para que sua existência, costumes e identidade possam exigir respeito.⁹

Desde então os ecomuseus tornaram-se numa imensa realidade espalhada pelos cinco continentes revelando uma extraordinária capacidade de se adaptarem aos diferentes contextos sociais e políticos onde estão inseridos. Este processo encontra-se detalhadamente analisado por Peter Davis¹⁰.

Naturalmente que estas instituições têm a sua própria dinâmica, determinada por inúmeros factores, o que significa que ao longo dos anos se transformam, renovam, reorientam ou mesmo se institucionalizam. A natureza destes processos testemunha na verdade a sua relação com o meio ele também sujeito a contextos mais amplos.

Na Conferência Geral do ICOM de 2016 a Ecomuseologia ocupou um lugar da maior relevância, não para afirmar modelos, mas para assinalar a importância de compreender os múltiplos caminhos que nos diferentes lugares da Terra os ecomuseus foram tomando ao longo dos anos¹¹.

A título de exemplo é significativo verificar que num documento de 2015 da Heritage Saskatchewan e da Museums Association of Saskatchewan, onde se caracteriza a Ecomuseologia a partir das práticas contemporâneas, encontramos uma continuidade no entendimento do lugar dos Ecomuseus.

⁹ Georges Henri Rivière, The ecomuseum-an evolutive definition, Museum N° 148 (Vol. XXXVII, n° 4, 1985) Images of the ecomuseum. Third and last version 1980. <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001273/127347eo.pdf>

¹⁰ Peter Davis, Ecomuseums: A Sense of Place, Continuum, 2011.

¹¹ Forum Ecomuseums 24th General Conference Milan-ICOM, 2016.

Primeiro, como museus da comunidade, os ecomuseus são produtos de suas comunidades; portanto, eles precisam ser iniciados, caracterizados e gerenciados pelos residentes locais. Seu escopo geográfico, estrutura de governança e outros recursos não são determinados ou supervisionados por uma agência externa, e quaisquer que sejam os fins que eles decidam buscar, suas atividades e resultados dependem do envolvimento ativo da comunidade. Segundo, os ecomuseus colocam igual ênfase nos ativos naturais e culturais, incluindo as indústrias locais. Isso os separa dos parques recreativos ou selvagens, que se concentram principalmente na natureza, e dos distritos históricos, que se concentram principalmente no ambiente construído. Terceiro, de acordo com seu papel como museu, os ecomuseus visam preservar e interpretar os bens patrimoniais, mas também trabalham para aplicar esse conhecimento para abordar questões de desenvolvimento local, com foco na sustentabilidade. Para esse fim, os ecomuseus fornecem uma ligação valiosa entre a comunidade do patrimônio, o setor privado e as autoridades eleitas. Quarto, o foco de um ecomuseu vai além de objetos, edifícios, vida selvagem e outros ativos tangíveis, incluindo música, cerimônias, tradições e outros aspectos do patrimônio intangível. Isso significa que os ecomuseus podem ser definidos e mapeados com base em suas características tangíveis, mas também podem incentivar abordagens mais holísticas de aprendizado e adaptação cultural. Por fim, o fato de todos os ativos associados a um ecomuseu continuarem a “viver” onde existem significa que a própria organização é leve e flexível, com pouca necessidade de investimento de capital. Com efeito, um ecomuseu emerge e contribui para o tecido de uma comunidade através do que faz e de quem se envolve, usando os recursos e as qualidades únicas de um lugar como contexto.¹²

¹² Relatório preparado em conjunto pelo Heritage Saskatchewan e pela Museums Association of Saskatchewan, fevereiro 2015.

Segunda etapa: A Nova Museologia e a Declaração do Quebec

A Nova Museologia dá certamente conta das transformações que referimos na museologia em geral no quadro das quais tomou forma a Ecomuseologia. A designação consolidou-se a partir do 1st International Workshop – Ecomuseums / New Museology no Quebec (Canada) em 1984. Esta reunião viria a marcar um momento de grande relevância para a Museologia por diferentes razões.

Por um lado, o reconhecimento que a Nova Museologia não se resumia ao movimento dos ecomuseus, mas antes se manifestava sob diferentes formas tais como os Museus de Vizinhança, nos USA, Museus de identidade nalguns países africanos, Museus locais em Portugal e na Espanha, Casas del Museo no México, ou as exposições populares na Suécia (Riksstutälningar). Em todos os casos tratava-se de instituições ou ações que embasavam a sua atividade nas comunidades locais, na busca daquilo que Alma Witlin denominava “unmeet needs”: Afirmção de identidade, desenvolvimento local, democratização do fazer museológico.

Este processo de alargamento do sentido de Nova Museologia não foi feito de forma simples, mas antes pelo contrária, esteve na origem de profundos debates que se traduziram na Declaração do Québec então elaborada onde se assinalava que:

Ao mesmo tempo que preserva os frutos materiais das civilizações passadas, e que protege aqueles que testemunham as aspirações e a tecnologia atual, a nova museologia - ecomuseologia, museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa - interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo que as associa aos projetos de futuro.

Este novo movimento põe-se decididamente ao serviço da imaginação criativa, do realismo construtivo e dos princípios humanitários defendidos pela comunidade internacional. Toma-se de certa forma um dos meios possíveis de aproximação entre os povos, do seu conhecimento próprio e

mútuo, do seu desenvolvimento cíclico e do seu desejo de criação fraterna de um mundo respeitador da sua riqueza intrínseca.

Neste sentido, este movimento, que deseja manifestar-se de uma forma global, tem preocupações de ordem científica, cultural, social e económica. Este movimento utiliza, entre outros, todos os recursos da museologia (coleta, conservação, investigação científica, restituição o difusão, criação), que transforma em instrumentos adaptados a cada meio e projetos específicos.¹³

Por outro lado, esta reunião viria a estar na origem do Movimento Internacional para uma Nova Museologia¹⁴, organização que 2 anos mais tarde viria a ser reconhecida pelo ICOM. Assim se afirmava talvez o que de mais inovador tomava forma que era o reconhecimento do direito à diferença, longe da ideia de “museu mausoléu” de Adorno.

Terceira etapa:

A Sociomuseologia e a Recomendação da UNESCO de 2015

A Sociomuseologia não é uma nova forma de denominar a Nova museologia, mas antes deve ser compreendida como uma abordagem multidisciplinar do fazer e do pensar da museologia, entendida como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica, tendo por base a interdisciplinaridades com as demais áreas do conhecimento.

Esta Museologia foi definida no documento final da XV Conferência Internacional do MINOM que teve lugar no Rio de Janeiro em 2013 como sendo uma museologia que visa:

Quebrar hierarquias de poder, a fim de que surjam novos protagonistas de suas próprias memórias.

¹³ Declaration of Quebec – Basic Principles of a New Museology 1984 Special edition 22nd ICOM General Conference 2010, Sociomuseology IV, Cadernos de Sociomuseologia, Vol 38-2010. ULHT Lisboa. <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/153>

¹⁴ <http://www.minom-icom.net>

Compreender os museus comunitários como processos políticos, poéticos e pedagógicos em permanente construção e vinculados a visões de mundo bastante específicas;

Todas essas organizações tiram e põem, fazem e desfazem suas memórias, sentimentos, ideias, sonhos, ansiedades, tensões, medos e vivem sua própria realidade, sem pedir permissão às autoridades estabelecidas;

Reconhecer que todos esses museus e processos museais assumem seus próprios “jeitos” de musealizar e se apropriam e fazem uso dos conhecimentos do modo mais adequado a cada situação.¹⁵

Neste sentido, a Sociomuseologia situa-se decididamente na área das ciências sociais, visando estabelecer caminhos para o entendimento de múltiplas práticas museológicas contemporâneas assumindo-se em simultâneo como agente da atuação museológica. No Brasil os termos Sociomuseologia e Museologia Social são utilizados com o mesmo significado. No entanto julgamos que é mais correto reconhecer a Museologia social como a prática da museologia de inspiração comunitária, nas suas diferentes formas. Quanto à Sociomuseologia trata-se de reconhecer uma nova área disciplinar que visa esclarecer e, de certa forma, impulsionar os novos fazeres museológicos ao serviço do desenvolvimento. Como base de reflexão propusemos na XII Conferência Internacional do MINOM que teve lugar na Universidade Lusófona de Lisboa um documento no qual fazíamos o ponto da situação relativamente a uma possível, mas sobretudo necessária definição de Sociomuseologia.

A Sociomuseologia traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

¹⁵ Declaração final, XV International Conference of MINOM, Rio de Janeiro 2013.

A Sociomuseologia constitui-se assim como uma área disciplinar de ensino, investigação e atuação que privilegia a articulação da museologia em particular com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planeamento do Território.

A abordagem multidisciplinar da Sociomuseologia visa consolidar o reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica.

A Sociomuseologia assenta a sua intervenção social *no património cultural e natural, tangível e intangível da humanidade*.¹⁶

Como toda área disciplinar, (ficamos alheios à discussão antiga de saber se a museologia é ou não uma ciência) a Sociomuseologia afirma-se com um crescente corpo teórico, com um campo de actuação multifacetado, emergindo de práticas sociais que se reconhecem num conjunto de valores partilhados. Estes valores estão bem patentes no enquadramento conceitual da Política Nacional de Museus instituída no Brasil pelo Ministro Gilberto Gil (2004 - 2017) a qual esteve na origem da transformação do panorama museológico brasileiro por uma vez aberto ao reconhecimento da relação entre Museologia e responsabilidade social. Entendida como uma área disciplinar, importa reconhecer a necessidade de sistematização dos seus pressupostos, de esclarecer metodologias, e de atuar no sentido da constituição de um corpo teórico consistente.

Neste contexto devemos situar o reconhecimento internacional e contemporâneo deste processo que se traduziu na recém aprovada “Recomendação relativa à proteção e promoção de museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade” adotado na Conferência Geral da UNESCO na 38ª Sessão de Paris, 17 de novembro de 2015. Em particular importa realçar os seguintes pontos:

¹⁶ Actas do XII Atelier Internacional do MINOM / Lisboa, Cadernos de Sociomuseologia # 28 (2007).

Função social

Os Estados Membros são encorajados a apoiar a função social dos museus que foi enfatizada na Declaração de Santiago do Chile de 1972. Em todos os países é crescente a percepção de que os museus desempenham uma função chave na sociedade, e constituem um fator de integração e coesão social. Nesse sentido, eles podem ajudar as comunidades a enfrentar as profundas mudanças na sociedade, inclusive as que levam a um aumento da desigualdade e à dissolução de laços sociais.

Os museus são espaços públicos vitais que deveriam dedicar-se a toda a sociedade e podem, portanto, desempenhar uma função importante no desenvolvimento de laços sociais e coesão, na construção da cidadania, e na reflexão sobre as identidades coletivas. Os museus deveriam ser lugares abertos a todos e comprometidos com a acessibilidade física e cultural para todos, inclusive grupos desfavorecidos. Eles podem constituir-se como espaços para a reflexão e o debate sobre temas históricos, sociais, culturais e científicos. Os museus devem também promover o respeito aos direitos humanos e à igualdade de gênero. Os Estados Membros devem encorajar os museus a desempenhar todas essas funções.¹⁷

Este importante documento, cuja elaboração foi exactamente desencadeada em 2010 pelo Departamento de Processos Museais do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e pela sua Coordenação específica dedicada à Museologia Social e Educação, tinha na verdade identificado a falta, a nível internacional, de um documento que reconhecesse os princípios desta renovada museologia contemporânea.

Uma vez o processo desencadeado, depois de uma longa tramitação, que contou com a participação demais de 160 especialistas de pelo menos 70 Estados Membros, a referida recomendação foi aprovada.

Mário Chagas que foi coordenador do referido Departamento de Processos Museais e um dos principais inspiradores da própria Política

¹⁷ <http://catedraunesco.ulusofona.pt/recomendacao-museus-e-colecoes-2015/>

Nacional de Museus referindo-se á Recomendação sublinhou a sua relevância para toda a comunidade internacional dos Museus:

A Recomendação dialoga com temas que estão no centro da atuação de um número cada vez maior de museus, em todos os continentes, que se reconhecem como atores do desenvolvimento, da inclusão social, da igualdade de gênero, do respeito pelas diversidades, assumindo plenamente princípios e valores já inscritos na Declaração de Santiago do Chile, de 1972, que a própria Recomendação invoca de pleno direito.

Trata-se de um documento que convoca, orienta, recomenda e encoraja à ação. Por isso mesmo, ainda que em alguns momentos seja possível identificar na redação final da Recomendação um desejo indisfarçável de produzir normas e regras, esta Recomendação da UNESCO representa uma orientação essencial no sentido de garantir, ampliar e subsidiar novas reflexões e práticas de Museologia Social e Sociomuseologia que expressam os desafios do mundo contemporâneo.¹⁸

Enfim não poderíamos deixar de referir uma possível nova etapa que poderia ser denominada de Altermuseologia, tal como anunciada por Pierre Mayrand no seu Manifesto apresentado em Setúbal em 2007.

Hoje em dia, a globalização obriga os museólogos a unirem sua energia às populações e organizações que lutam por uma transformação dos museus no Fórum -Agora- Cidadania.

Também leva a uma atitude didática e dialética, capaz de promover o diálogo entre os povos em um gesto de cooperação, resistência, libertação e solidariedade com o Fórum Social Mundial¹⁹

¹⁸ Breves considerações sobre a genealogia e o significado da Recomendação sobre a proteção e a promoção dos museus e coleções, de sua diversidade e de sua função na sociedade Paris, 20 de novembro de 2015, Alessandra Gama, Alexandre Gomes, Ana Valdés, Claudia Storino, Inês Gouveia, João Paulo Vieira, Judite Primo, Juliana Siqueira, Luisa Calixto, Luzia Gomes, Marcele Pereira, Marcelo Murta, Mario Chagas, Mario Moutinho, Mirela Araujo, Nathália Lardosa, Pedro Leite, Sarah Braga, Simone Flores, Vania Brayner, Cadernos de Sociomuseologia, nº 10-2017, Vol 54 ULHT, Lisboa. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5953>

¹⁹ MAYRAND, P (2007). Manifesto de la Altermuseologia. XII Taller Internacional del Movimiento Internacional para la Nueva Museología (MINOM). Museus e sociedade: Agarrar a mudança, que acção?, que pensamento comum?. Setúbal (Portugal), 27 de octubre de 2007.

E talvez deva ser exatamente esta a dimensão que a Museologia deveria assumir num mundo onde os desafios são cada vez mais planetários, e a sua solução carece de um entendimento global, mas que possa expressar a realidade e os contextos locais.

A Sociomuseologia no contexto das Ciências sociais

Sendo que a Sociomuseologia consolida cada vez mais na sua prática e na construção do seu campus teórico, o seu lugar no campo das Ciências sociais, importa assinalar também o seu lugar, olhando para outros processos idênticos de áreas do conhecimento (ou Ciências) que nos últimos anos se têm aberto aos desafios da sociedade não só para compreender os seus sentidos, mas também para reivindicar um lugar atuante nos seus possíveis encaminhamentos. É o caso entre outros, da Sociologia Pública de Burawoy²⁰, da Arqueologia Pública ou da Antropologia Pública

A Sociologia Pública procura trazer a sociologia para o diálogo com o público para além da academia, um diálogo aberto, no qual ambos os lados aprofundam a sua compreensão das questões públicas. É o oposto da Sociologia Profissional - uma sociologia científica criada por e para os sociólogos - inspirados pela Sociologia Pública, mas, igualmente, sem a qual a sociologia pública não existiria. A relação entre a sociologia profissional e pública é, assim, fruto de uma interdependência antagônica.²¹

Por seu lado a Sociomuseologia reconhece-se como uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea, e por outro lado, como a construção de um diálogo para lá da museologia profissional, também feita por e para museólogos.

Com uma diferença significativa que resulta do fato da teoria museológica ter sido ao longo do tempo uma área do conhecimento

²⁰ Michael Burawoy, For Public Sociology, *American Sociological Review*, 2005, Vol. 70 p. 4–28, <http://burawoy.berkeley.edu/Public%20Sociology,%20Live/Burawoy.pdf>

²¹ Cf Michael Burawoy, Idem.

essencialmente centrada sobre a instituição museu e pouco atenta ao meio social que caracterizava o seu contexto e por consequência a sua prática, quase sempre ser reduzida à prática da instituição museu, com o seu público, cada vez mais complexo, com o lugar central do património material dos seus recursos de comunicação, e da modernização das próprias instituições.

As grandes problemáticas da sociologia, do trabalho, das instituições, e tantas outras construíram e constroem um lastro no qual tanto a sociologia pública como a Sociomuseologia se retroalimentam.

A sua abertura ao meio social que lhes dá vida é o seu sentido atual.

Isso explica de certa forma que Burawoy pensa as fontes da Sociologia Pública e pode invocar-se legitimamente da obra de Marx, Weber, Durkheim e Gramsci e dos contemporâneos Bourdieu, Touraine, Habermas, Beauvoir, Freire, Hooks e Fanon.

Ou seja, o ponto de partida da Sociomuseologia parece eventualmente, ser distanciado no tempo. Mas se pensarmos nas suas raízes epistemológicas, também é difícil sustentar a Sociomuseologia sem se reclamar também as mesmas fontes e as mesmas escolas. Nuns casos isso é mais evidente quando falamos de Freire, de Fanon de Gramsci e Habermas ou mesmo da visão “equivocada” de Foucault sobre a museologia. Noutros casos também é difícil pensar a Sociomuseologia sem Marx, Weber ou Durkheim cujos contributos continuam a embasar uma mais consistente compreensão da sociedade na contemporaneidade. Noutros casos ainda, é difícil não considerar o pensamento de uma plêiade de investigadores que contribuíram em particular desde os anos 70 do século XX para o conhecimento no campo da museologia, pensamos em Sharon Macdonald, Martin Schäfer, Georges Henri Rivière, Hughues de Varine, Hooper-Greenhill, Zbynek Stránsky, Ana Gregorova, Peter van Mensch, Marta Arjona, François Mairesse, Geoffrey Lewis, Mario Chagas, Cristina Bruno, Adriana Mortara, Maria Célia Moura Santos, Bernard Deloche, Jean Davallon, Peter Davis, Ulpiano Menezes de Bezerra, ou Pierre Mayrand para mencionar apenas alguns.

Não se trata de inserir a Sociomuseologia no âmbito mais amplo da Sociologia pública. Trata-se assumir a Sociomuseologia na sua “interdependência antagônica” com a Museologia, de assumir a sua essência como parte das Ciências Sociais e de assumir que a seu lugar na sociedade contemporânea será tão mais relevante quanto mais souber aprofundar o seu diálogo com a Sociologia Pública. E, naturalmente também com todas as áreas disciplinares ou Ciências que se abram de forma orgânica com a sociedade que constitui o seu contexto.

Ambas, Sociologia Pública e Sociomuseologia, têm em comum um mesmo objectivo que é de certa forma desguetizar as duas áreas da reflexão que se sustentam e alimentam inevitavelmente entre si: Sociologia e Museologia.

Assim entendido a Sociomuseologia assume-se como uma nova área disciplinar que resulta da articulação entre as demais áreas do conhecimento que contribuem para o processo museológico contemporâneo.

A abertura do Museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, tem provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

Esta proposta de definição da Sociomuseologia mais do que um puro exercício gramatical pretende na verdade chamar atenção para toda uma vasta área de preocupações, métodos e objetivos que dão cada vez mais sentido a uma museologia cujos limites não cessam de crescer. A visão restritiva da museologia como técnica de trabalho orientada para as coleções, tem dado lugar a um novo entender e práticas museológicas orientadas para o desenvolvimento da humanidade.

E é exatamente para esta realidade, fruto da articulação de áreas do saber que cresceram fora da museologia, mas que progressivamente se tornaram recursos incontornáveis para o desenvolvimento da própria Museologia, que a Sociomuseologia se revela poder ser um contributo que ajuda a compreender processos e definir novos encaminhamentos.

A Universidade e a Sociomuseologia

Este entendimento implica naturalmente a procura do novo lugar que a Universidade pode e deve ocupar face às questões levantadas.

Nas últimas décadas, a museologia tornou-se em muitos países objeto de estudo e pesquisa com reconhecimento académico paralelamente à formação já consolidada da museologia entendida como um conjunto de técnicas.

Com base no trabalho dos precursores mais importantes e tendo por referência novas práticas e recursos, as universidades caminharam no essencial em duas direções:

1- Por um lado a formação e investigação orientadas para as necessidades dos museus centrados sobre as suas coleções, com todas as responsabilidades face a gestão, manutenção e conservação dos acervos. Investigação e qualificação nestes domínios, a qual se articula com os desafios de potenciar a relação da instituição com os diferentes públicos, e em ambas as situações com o crescente lugar das novas tecnologias de informação e comunicação. Na verdade, a formação orientada para estes museus obriga por um lado a uma visão mais global do papel do Museólogo, numa situação paradoxal de desmembramento da profissão resultante da especialização crescente das diferentes tarefas que estes museus desempenham.

2- Por outro lado a formação orientada para os museus que se inscrevem na vontade de dar respostas às *unmet needs*. Trata-se de assegurar a formação e investigação para uma museologia que se reconhece como um recurso de comunicação, focada em “novas coleções”, constituídas pelos desafios das sociedades contemporâneas. E trabalhar com objectos para as pessoas é fundamentalmente diferente de trabalhar com as pessoas enfrentando desafios das sociedades em que estão inseridos.

Trata-se do reconhecido dilema da Museologia que trabalha **para**, ou da Museologia que trabalha **com**.

Mas nos tempos atuais também devemos reconhecer que a museologia no seu todo não é uma realidade dividida em áreas estanques.

A prática quotidiana de um número crescente de museus e experiências museológicas reduziu essa separação. Os museus tradicionais cada vez mais integram nas suas atividades programas e acções que buscam o aprofundamento da relação com os seus públicos no sentido de dar respostas a desafios reais do meio ambiente, de integração social, género, e de forma mais ampla inclusão social. Ao mesmo tempo devemos reconhecer que muitas instituições que se situam no capô da Museologia social constroem acervos, que utilizam de diferentes formas e que em consequência são levados a ter em consideração todos os problemas que a conservação e gestão de colecções obrigatoriamente exigem.

Neste sentido parece ser necessário, repensar os modelos de treinamento existentes, para atender às necessidades desses novos museus caracterizados por níveis mais altos de complexidade conceitual. Tal necessidade aplicar-se ia certamente a muitos dos Museus de Objetos, Museus da Museologia Social, Museus dos desafios globais, Museus da luxuria tecnológica, Museus imperiais e outras formas de Museus da contemporaneidade.

Estamos, pois, em presença do que dominamos de Museus Complexos, não tanto pela complexidade técnica do seu funcionamento, mas pelo facto de atuarem em simultâneo com conceitos estruturantes diferentes na sua essência. Arrumar as ideias e construir consequentemente as competências dos que trabalham nestes museus complexos, é em nosso entender o principal desafio que a Universidade deve enfrentar para reorganizar os seus programas de formação de modo a adaptá-los à multifacetada realidade museológica atua.